

A HISTORIOGRAFIA E AS MUDANÇAS DO DIGITAL

TAMARA JURIATTI¹; BRUNO ROTTA ALMEIDA²

¹ *Universidade Federal de Pelotas – tamara.juriatti@gmail.com
Bolsista CNPq*

² *Universidade Federal de Pelotas – bruno.ralm@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Desde a Pré-História, os seres humanos desenvolvem tecnologias para facilitar a vida cotidiana, e, ao longo da história, essas inovações provocaram transformações profundas na sociedade, inclusive na produção historiográfica. Este trabalho explora as implicações das tecnologias nas últimas décadas para o trabalho dos historiadores, com destaque para mudanças no âmbito da pesquisa.

Anita Lucchesi (2014) discute a "inescapabilidade do presente", afirmando que todo conhecimento acadêmico está inserido no contexto histórico de seu tempo. O acesso a fontes e dados está frequentemente vinculado a plataformas digitais, e a inteligência artificial surge como uma inovação que empolga e ao mesmo tempo preocupa a academia. Suas potencialidades para o avanço do conhecimento são inúmeras, mas há receios quanto ao uso antiético dessas ferramentas.

Novaes e Dagnino (2004), ao citarem Andrew Feenberg, argumentam que a tecnologia é um artefato sociocultural, com raízes históricas, políticas e culturais. Eles criticam visões que tratam a tecnologia como algo separado da sociedade, ou como um processo evolutivo inevitável que levará todas as sociedades a um "ápice" técnico. Além disso, rejeitam a ideia instrumental de que a tecnologia é neutra e que os seus usos, e não ela mesma, podem ser bons ou ruins. Para eles, a racionalidade técnica é moldada pelas condições sociais e ideológicas de quem a financia, estando a serviço de interesses específicos.

Briggs e Burke (2004) acrescentam que, antes de discutir o impacto da informática para historiadores, é necessário refletir sobre como a "evolução dos computadores" altera nossa relação com o mundo. O que muitos chamam de "colonialismo digital" ilustra essa questão. Segundo Avelino (2021), esse fenômeno reproduz a arquitetura do colonialismo clássico, com grandes empresas de tecnologia extraíndo dados e lucros dos usuários enquanto concentram poder e recursos, principalmente nos Estados Unidos.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma abordagem exploratória do tema. Para embasar o trabalho foi realizada uma revisão de literatura de conveniência (GALVÃO; RICARTE, 2019, p. 58). Por se tratar de um recorte com uma gama de produções bibliográficas, foram analisadas as obras mais expressivas da historiografia e que sintetizassem a discussão em meio aos historiadores. Os autores e textos foram encontrados a partir de fóruns de debates em redes sociais, de dossiês temáticos, de bibliografias de artigos, dissertações, teses e livros e de análise de currículo lattes. Sendo selecionados os trabalhos que eram os mais citados e os que traziam uma abordagem sintetizadora da discussão. Nos resultados são debatidos alguns dos principais pontos da problemática sobre a relação entre historiadores e as mudanças digitais capturados a partir dessa seleção bibliográfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figueiredo (1999, p. 593) já avistava na virada do século a problemática de se traçar um panorama sobre o estado da arte do uso das tecnologias pelos historiadores “[...] o ritmo — como o ambiente da informática sugere — é vertiginoso e dificilmente o que estará presente nas linhas a seguir, amanhã já não mereça atualização”. De fato, os exemplos de usos que o autor cita em seu capítulo sobre História e Informática- “catalogação, referência e controle bibliográfico; editores ou processadores de texto; transcrição de dados e uso de scanners; planilhas, gráficos e tabelas; banco de dados” (Ibdi)- já fazem parte da rotina de qualquer historiador, não sendo somente uma questão de escolha metodológica.

Tavares (2012, p. 303) indica que a introdução dos computadores na historiografia, a partir da década de 1960, foi motivada pela necessidade de lidar com grandes volumes de dados demográficos e econômicos, uma vez que os recursos tecnológicos ofereciam maior segurança nas análises quantitativas. Esse avanço foi inicialmente impulsionado pelo uso de computadores em universidades dos EUA e França. No entanto, a popularização e a queda no preço dos microcomputadores nas décadas de 1980 e 1990 ampliaram seu uso entre historiadores, que passaram a utilizá-los não apenas para análises complexas, mas também para tarefas práticas de redação, beneficiando-se de editores de texto mais eficientes.

Lucchesi (2014, p. 50) coloca algumas questões para o debate historiográfico nas universidades: Quais são as implicações conceituais da “revolução tecnológica” que trouxe consigo uma ressignificação das noções de espaço e tempo, especiais para o trabalho do historiador? Como essas potenciais fontes estão diversamente acessíveis? Como são diferentemente compreendidas enquanto documentos digitais, distintos de sua forma analógica (material, de papel)? Como a existência das novas ferramentas digitais podem sugerir ou forjar novas práticas para/na operação histórica? Os métodos decorrentes dessas práticas podem promover novos insights no tratamento de problemas históricos? Quais são as oportunidades para o trabalho acadêmico realizado em formato colaborativo? Quais seriam as novas possibilidades de representação do passado neste cenário potencialmente inovador?

Aguiar (2012, p. 76) cita em seu trabalho os conceitos usados pelos historiadores: “História e computação”, “História e Informática”, “historiografia digital”, “ciber-história” e “cultura digital”. No tempo presente com a popularização do uso da Inteligência artificial e suas inúmeras possibilidades surgiram novas inquietações e conceitos, como o de “História mais do que humana” (BONALDO, 2023) e “Meta-história” (NICODEMO; CARDOSO, 2019). Fortes e Alvim (2020, p. 216) observam que a expansão global da internet e a difusão do uso de Big Data também contribuíram para grandes saltos no campo de pesquisa denominado Processamento de Linguagem Natural, onde além dos números seriais, o texto pode ser analisado semanticamente em machine learning.

4. CONCLUSÕES

É possível vislumbrar que o debate sobre os usos do digital pelos historiadores é fluído, em duas décadas o que era inovador virou o ordinário, dando pistas do que nos aguarda no futuro. Frente a essas mudanças constantes o trabalho é redobrado, já que a tecnologia permeia de forma orgânica toda a produção historiográfica, trazendo desafios éticos e acadêmicos.

Lucchesi, Silveira e Nicodemo (2020, p. 166) afirmam que os/as historiadores/as sempre estiveram atentos “[...] à passagem e transformações das mídias, seja na disseminação do impresso, na prevalência da imagem impressa

reinventada na técnica fotográfica, do registro sonoro gravado ou do seu transcurso no espaço por ondas eletromagnéticas”. Não é diferente no tempo presente, onde muitas inquietações e desafios se impõe à prática historiográfica e isso se reflete tanto nas produções que analisam o nosso contexto histórico, como nos trabalhos em que a prática da pesquisa é realizada contando com diversas ferramentas digitais.

Em um contexto permeado pelo colonialismo digital (AVELINO, 2021), é oportuno reforçar a importância desse debate principalmente por acadêmicos de instituições públicas, em que o uso das tecnologias seja pensado em benefício da sociedade, buscando a autonomia nacional na produção da ciência, onde fóruns de discussões sejam ampliados para que a construção da ciência se dê de forma colaborativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. C. DE. **Cultura digital e fazer histórico: estudos dos usos e apropriações das tecnologias digitais de informação e comunicação no ofício do historiador**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação Universidade Federal do Rio de Janeiro.

AVELINO, R. Colonialismo Digital: dimensões da colonialidade nas grandes plataformas. In: CASSINO, J. F; SOUZA, J; SILVEIRA, S. A (Org.) **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. Capítulo 4, p. 67–83.

BONALDO, R. B. História mais do que humana: descrevendo o futuro como atualização repetidora da Inteligência Artificial. **História**, São Paulo, v. 42, p. 128, 2023.

BRIGGS, A.; BURKE, P. Uma história social da mídia: de Gutenberg á internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FIGUEIREDO, L. História e Informática: O uso do computador. Em: CARDOSO, C. F. S.; VAINFAS, R. (Eds.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro (RJ): Campus, 1999. Capítulo 19, p.591-620.

FORTES, A.; ALVIM, L. G. M. Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 207–227, 2020.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019.

LUCCHESI, A. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 2, p. 45-57, 2014.

LUCCHESI, A.; SILVEIRA, P. T. DA; NICODEMO, T. L. Nunca fomos tão úteis. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 161–169, 2020.

NICODEMO, T. L.; CARDOSO, O. Metahistory for (ro)bots: historical knowledge in the artificial intelligence era. **Historia da historiografia**, v. 12, n. 29, p. 17-52, 2019.

NOVAES, H. T.; DAGNINO, R. O fetiche da tecnologia. **ORG & DEMO**, v. 5, n. 2, p. 189–210, 2004.

TAVARES, C. C. DA S. História e Informática. In: VAINFAS, R.; CARDOSO, C. F. (Eds.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro (RJ): Elsevier, 2012. Capítulo 16, 301-317.